

A SEMANA – 125

John Gledson

Esta crônica, bastante engraçada para quem apreciar sua contínua ironia e sátira, começa por um sarcasmo – pois não se trata de amores no sentido lírico, mas nos sentidos criminoso, violento, e, sobretudo, comprado e vendido. A maior parte da crônica trata novamente deste alvo preferido de Machado, o sr. Capelli, zombando dos seus discursos enciclopédicos (as listas de nomes de heróis da humanidade, típicos do positivismo). Mostra as brigas entre os intendentos acerca dessa “doutrina subversiva”; mas também mostra, me parece, um interesse real, na parte final do discurso, pela história e pela geografia da prostituição no Rio de Janeiro. Da rua do Sacramento, uma das mencionadas pelo sr. Capelli, vem Marocas, a heroína do conto “Singular ocorrência”.



A SEMANA

21 de outubro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Toda esta semana foi de amores. A *Gazeta* deu-nos o capítulo esotérico do anel de Vênus desenhado a traço grosso na mão aberta do costume. Da Bahia veio a triste notícia de um assassinato por amor, um cadáver de moça que apareceu, sem cabeça nem vestidos. Aqui foi envenenada uma dama. Julgou-se o processo do bígamo Lousada.¹ Enfim, o intendente municipal Dr. Capelli fundamentou uma lei regulando a prostituição pública, – “a vaga Vênus” diria² um finado amigo meu, velho dado a clássicos.³

Outro amigo meu, que não gostava de romances, costumava excetuar tão somente os de Júlio Verne, dizendo que neles a gente aprendia. O mesmo digo dos discursos do Dr. Capelli. Não são simples justificações rápidas e locais de um projeto de lei, mas verdadeiras monografias. Que se questione sobre a oportunidade de alguns desenvolvimentos, é admissível, mas ninguém negará que tais desenvolvimentos são completos, e que o assunto fica esgotado. Quanto ao estilo, meio didático, meio imaginoso, está com o assunto. Não perde por imaginoso. Na história há Macaulay e

¹ Estes itens: a *Gazeta* publicava diariamente uma série sobre quiromancia, a arte de predizer o futuro pelas linhas da mão. No dia 18, explica o anel de Vênus, uma linha “que principia entre Júpiter e Saturno e vai terminar, formando um semicírculo[,] entre o anular e o dedo mínimo” [o desenho, de fato, mostra o tal semicírculo (v. figura 1, após a crônica)] – semicírculo que envolve Saturno e Apolo, a tristeza e a luz, “cujo combate causa uma desordem contínua”. Os telegramas da Bahia noticiam o encontro do “cadáver de uma mulher de cor branca, degolada”. Não descobri a dama envenenada. No dia 16, anuncia-se o fim do caso de bigamia Lousada (ver. cr. 121, de 23 de setembro): “O inquérito foi acompanhado de dois longos e minuciosos relatórios, pelos quais se evidencia a culpabilidade do acusado.”

² Assim na *Gazeta*. Aurélio tem uma vírgula depois de “Vênus”, e “dizia” em vez de “diria”. O “finado amigo” é José Feliciano de Castilho; ver “Introdução às notas”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

³ Para o dr. Capelli, ver as crônicas 46, 54, 87 e 97. Este discurso, como de costume, e dada a sua extensão, não foi reproduzido na *Gazeta*. Encontra-se inteiro, porém, no *Jornal do Commercio* do dia 18 de outubro.

Michelet, e tudo é história.⁴ Nas nossas câmaras legislativas perde-se antes por seco e desornado. Moços que brilharam nas associações acadêmicas e literárias entendem que, uma vez entrados na deliberação política, devem despir-se da clâmide e da metáfora, e falar chão e natural. Não pode ser; o natural e o chão têm cabida no parlamento, quando são as próprias armas do lutador; mas se este as possui mais belas, com incrustações artísticas e ricas, é insensato deixá-las à porta e receber do porteiro um canivete ordinário.

Amor! assunto eterno e fecundo! Primeiro vagido da terra, último estertor da criação! Quem, falando de amor, não sentir agitar-se-lhe a alma e reverdecer a natureza, pode crer que desconhece a mais profunda sensação da vida e o mais belo espetáculo do universo. Mas, por isso mesmo que o amor é assim, cumpre que não seja de outro modo, não permitir que se corrompa, que se desvirtue, que se acanalhe. Onde e quando não for possível tolher o mal, é necessário acudir-lhe com a lei, e obstar à inundação pela canalização. Creio ser esta a tese do discurso do Sr. Capelli. Não a pode haver mais alta nem mais oportuna.

Direi de passagem que apareceram ontem alguns protestos contra dois ou três períodos do discurso, vinte e quatro horas depois deste publicado, por parte de intendentes que declaram não os ter ouvido.⁵ Não conheço a acústica da sala das sessões municipais; não juro que seja má, visto que o texto impresso do discurso está cheio de aplausos, e houve um ponto em que os apartes foram muitos e calorosos. Um dos intendentes que ora protestam atribui as injustiças de tais trechos à revisão do manuscrito. Assim pode ser; em todo caso, as intenções estão salvas.

O que fica do discurso, excluídos esses trechos, e mais um que não cito para não alongar a crônica, é digno de apreço e consideração. Não há monografia do amor, digna de tal nome, que não comece pelo reino vegetal. O Sr. Capelli principia por aí, antes de

⁴ Machado exemplifica aqui os dois “estilos” de história, o didático e o imaginoso: Thomas Babington Macaulay (1800-1859), cuja *History of England from the Accession of James the Second* (1848), muito popular, Machado tinha em tradução francesa na sua biblioteca. É o modelo da história “whig”, com sua interpretação otimista e progressista da história inglesa. Jules Michelet (1798-1874) – que Capelli cita no seu discurso – é o tipo do historiador romântico e entusiasta, igualmente popular. A sua *Histoire de la Révolution Française* (1847-1853) é ainda hoje referência fundamental. Não consta no que restou da biblioteca de Machado, mas sem dúvida ele a conhecia bem.

⁵ Este episódio apareceu no *Jornal do Commercio* do dia 20 de outubro, onde o sr. Alfredo Barcelos protesta contra dois trechos do discurso do dr. Capelli do dia 18, segundo ele impressos mas não proferidos. Diz: “em um tópico do seu discurso S. Ex. diz, referindo-se ao modo por que a educação moral é dada na família brasileira, o seguinte: ‘E disse [da escravidão] o que resultava também? que as *sinhás-moças*, em convívio direto e inconstante com essas crioulas, educadas por essa forma, haviam de ganhar, forçosamente, tendências que, por certo, não se consorciavam com a *moral...* e daí uma porta francamente aberta para a prostituição futura.’” O sr. Barcelos replica que talvez fosse assim se o Brasil não fosse uma sociedade cristã, mas que “a virtude, a pureza que ressumbrava na família brasileira fazia com que o escravo se tornasse virtuoso”.

passar ao animal; chegando a este, explica a divisão dos sexos e o seu destino. Num período vibrante, mostra o nosso físico alcançando a divinização, isto é, vindo da promiscuidade até Epaminondas, que defende Tebas, até Coriolano, que cede aos rogos da mãe, até Sócrates, que bebe a cicuta.⁶ Todos os nomes simbólicos do amor espiritual são assim atados no ramallete⁷ dos séculos, Colombo, Gutenberg, Joana d’Arc, Werther, Julieta, Romeu, Dante e Jesus Cristo. Feito isso, como o principal do discurso era a prostituição, o orador entra neste vasto capítulo.

O histórico da prostituição é naturalmente extenso, mas completo. Vem do mundo primitivo, Caldeia, Egito, Pérsia, etc., com larga cópia de nomes e ações, mitos e costumes. Daí passa à Grécia e a Roma. As mulheres públicas da Grécia são estudadas e nomeadas com esmero, os seus usos descritos minuciosamente, as anedotas lembradas – lembradas igualmente as comédias de Aristófanes, e todos quantos, homens ou mulheres, estão ligados a tal assunto. Roma oferece campo vasto, desde a loba até Heliogábalo.⁸ Não transcrevo os nomes; teria de contar a própria história romana. Nenhum escapou dos que valiam a pena, porém,⁹ de imperadores ou poetas, de deusas ou matronas, as instituições com os seus títulos, as depravações com as suas origens e consequências. Chegando a Heliogábalo, mostrou o orador que a degeneração humana tocara o zênite. “O momento histórico era solene, disse ele, foi então que apareceu Cristo.”

Cristo trouxe naturalmente à memória a Madalena, e depois dela algumas santas, cuja vida impura se regenerou pelo batismo e pela penitência. A apoteose cristã é brilhante; mas história é história, e força foi dizer que a prostituição voltou ao mundo. Na descrição dessa recrudescência do mal, nada é poupado nem escondido, seja a hediondez dos vícios, seja a grandeza da consternação. Aqui ocorreu um incidente que perturbou a serenidade do discurso. O orador apelou para um novo Cristo, que viesse fazer a obra do primeiro, e disse que esse Cristo novo era Augusto Comte...¹⁰

Muitos intendentos interromperam com protestos, e estavam no seu direito, uma vez que têm opinião contrária; mas podiam ficar no protesto. Não sucedeu assim. O Sr.

⁶ Machado dá um resumo do discurso, que ocupou uma página inteira, quase oito colunas, de letra pequena, no *Jornal do Commercio* de 19 de outubro.

⁷ Assim na *Gazeta*. Aurélio põe “ramillete”.

⁸ A loba, como se sabe, resgatou os gêmeos Rômulo e Remo, fundadores míticos da cidade de Roma, e os amamentou. Heliogábalo (203-222) foi imperador de Roma, famoso por sua devassidão. Foi assassinado com 18 anos de idade.

⁹ Esta vírgula não está na *Gazeta*. Aurélio a acrescenta.

¹⁰ A estas interrupções, o sr. Capelli protestou: “Não sei por que os colegas recebem tão mal esta minha opinião. É no entanto uma opinião como outra qualquer.”

Maia de Lacerda bradou: *Oh! oh!* e retirou-se da sala. O Sr. Capelli insistiu, os protestos continuaram.¹¹

O Sr. Barcelos afirmou que o positivismo era doutrina subversiva. Defendeu-se o orador, pedindo que lhe respeitassem a liberdade de pensamento. Travou-se diálogo. Cresceram os *não apoiados*. O Sr. Capelli parodiou Voltaire, dizendo que, se Augusto Comte não tivesse existido, era preciso inventá-lo.¹² O Sr. Pinheiro bradou: “Chega de malucos!” Enfim, o orador,¹³ compreendendo que iria fugindo ao assunto, limitou-se a protestar em defesa das suas ideias e continuou.

Esse lastimável incidente ocorreu na terceira coluna do discurso, e ele teve sete e meia. Vê-se que não posso acompanhá-lo, e, aliás, a parte que então começou não foi a menos interessante. O discurso enumera as causas da prostituição. A primeira é a própria constituição da mulher. Segue-se o erotismo, e a este propósito cita o célebre verso de Hugo: *Oh! n’insultez jamais une femme qui tombe!*¹⁴ Vem depois a educação, e explica que a educação é preferível à instrução. O luxo e a vaidade são as causas imediatas. A escravidão foi uma. Os internatos, a leitura de romances, os costumes, a mancebia, os casamentos contrariados e desproporcionados, a necessidade, a paixão e os D. Juans. De passagem, historiou a prostituição no Rio de Janeiro, desde D. João VI, passando pelos bailes do Rachado, do Pharoux, do Rocambole e outros. Nomeando muitas ruas degradadas pela vida airada, repetia naturalmente muitos nomes de santos, dando lugar a este aparte do Sr. Duarte Teixeira: “Arre! quanto santo!”¹⁵

Vieram finalmente os remédios, que são quatro: a educação da mulher, a proibição legal da mancebia, o divórcio e a regulamentação da prostituição pública. Toda essa parte é serena. Há imagens tocantes. “No pórtico da humanidade a mulher aparece como a estrela do amor.” Depois, vem o projeto, que contém cinco artigos. Será aprovado? Pode ser. Será cumprido?



¹¹ Aqui, Aurélio acrescenta reticências no fim da frase, que não estão na *Gazeta*.

¹² Uma das citações mais célebres de François-Marie Arouet, Voltaire (1694-1778): “Si Dieu n’existait pas, il faudrait l’inventer.” [Se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo.] Tirada da “Épître à l’auteur du livre des *Trois imposteurs*”, de 1768.

¹³ Esta vírgula, que não está na *Gazeta*, foi acrescentada por Aurélio.

¹⁴ Palavras iniciais do poema XIV de “Les chants du crépuscule”, de 1835, de Victor Hugo (1802-1885). “Oh, não insultai nunca uma mulher que cai!”

¹⁵ Com efeito, esta parte do discurso, longo demais para citar, e que ocupa duas colunas do jornal, é muito interessante, e deve ter interessado Machado. Dá uma história detalhada da prostituição ao longo do século XIX, os bailes, os hotéis, as casas particulares, as ruas, o Passeio Público etc. Conclui dizendo que “a prostituição nesta cidade é tremenda”, e lista várias ruas, a maioria na região da praça Tiradentes (ex-Rossio), onde impera.

ESOTERISMO

CHIROMANCIA

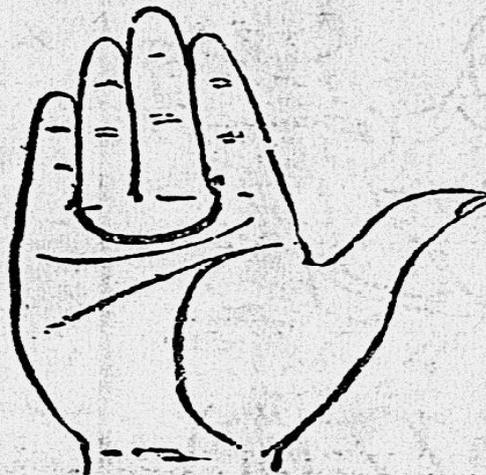
(Continuação)

ANNEL DE VENUS

O anel de Venus é uma linha que principia entre Jupiter e Saturno e vai terminar, formando um semi-círculo entre o anular e o dedo mínimo.

O anel de Venus encerra, como em uma ilha, disse um chiromante moderno, Saturno e Apollo, isto é, a fatalidade e a luz, e deixa sem guia e sem conselhos os instintos de ambição desmedida, da mentira, da libertinagem e do capricho, instintos maus de Jupiter, de Mercurio, de Venus e da Lua, desde o momento em que não são mais esclarecidos e ennobrecidos pelo sol Appollo.

Eis o anel de Venus representado na figura 34.



O anel de Venus envolve e põe em lucta directa Saturno e Apollo, a tristeza e a luz, cujo combate continuo causa uma desordem continua.

(Continua.)